

HALINA BLANKFELD¹

(Pińsk, Polônia, 1930; Hod Hasharon, Israel, 2017)



Halina [Helena] Blankfeld. S. Paulo, 26.8.2013.

Fotografia de Laís Rigatto Cardillo.

Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Halina Blankfeld a Rachel Mizrahi, Sarita Mucinic Sarue e Laís Rigatto Cardillo, pesquisadoras do Núcleo de Estudos Arqshoah. S. Paulo, 22 e 26 de agosto de 2013. Pesquisas complementares: Blima Lorber, Carol Colfield e Tucci Carneiro. Transcrição: Carol Colfield e Tucci Carneiro. Seleção de fotos de família por Uri Blankfeld (Israel).

Minhas raízes judaico-polonesas

Meu nome é Halina [Helena] Blankfeld. Halina em iídiche é Chaia, e meu sobrenome de solteira é Kuper. Nasci em 31 de dezembro de 1930, na cidade de Pińsk (Polônia), hoje Bielorrússia. Sou filha de Avram Yankel Kuper e Basia [Batsheva] Neiman. Meu irmão chamava-se Herschel Zwi, três anos velho. Meu pai Avrahm e seu irmão Srulik eram proprietários de uma confeitaria e uma padaria na cidade de Pińsk, onde faziam pães para o Exército e a Marinha, daí o nome do estabelecimento *Piekarnia Wojska* [Padaria do Exército]. A maioria dos habitantes de Pińsk^A era judia, e minha família era religiosa. Na cidade havia uma sinagoga e uma catedral, ambas muito grandes.



Pińsk (Polónia), cidade natal de Halina Blankfeld.
Google Maps.

Pińsk (Polónia), cidade natal de Halina Blankfeld.

A-A comunidade judaica de Pińsk: As primeiras famílias judias começaram a instalar-se em Pińsk por volta de 1500. Ao longo dos séculos, mais e mais judeus chegaram à cidade, oriundos de outras localidades da região, dedicados a diversas atividades, principalmente as voltadas ao comércio e à pequena indústria. No século XIX, Pińsk já constituía um importante centro comercial situado na convergência de rios que a conectavam com o Mar Báltico ao norte e o Mar Negro ao sul, chegando a ser a cidade com maior proporção de judeus em toda a Europa. No início dos anos 1930, quando Halina nasceu, a população judaica de Pińsk era de aproximadamente 20 mil habitantes ou 70% do total da cidade. Do ponto de vista político, e principalmente a partir do século XIX, os membros da comunidade, sobretudo os jovens, começaram a organizar-se crescentemente em torno de alguns movimentos que visavam o retorno à terra de Israel, tais como o socialismo judaico do *Bund* (aliança ou união em iídiche), o partido religioso ortodoxo Agudath Israel e o sionismo.



Igreja dos padres jesuítas e da faculdade em Pińsk, *c.* 1920. A igreja foi fundada em 1646 pelo príncipe polonês A. St. Radziwill quando a Fronteira Oriental (Kresy) e Pińsk faziam parte da Polónia. Disponível em: <<http://homepages.ihug.com.au/~frym/4family.html>>. Acesso em: 21 jul. 2018.



Grande sinagoga de Pińsk, primeiras décadas do século XX.
Fonte: Arquivo do Memorial Yad Vashem, Jerusalém, Israel.
Disponível em: <www.yadvashem.org>. Acesso em: 21 jul. 2018.
Google Maps.

Na cidade de Pińsk, frequentei o Tarbut^A onde éramos proibidos de falar o iídiche. Como recebi uma formação sionista, conversava com meus amigos em hebraico. Em casa, com meus pais e avós, falávamos em iídiche. Durante a minha infância, frequentei uma das escolas Tarbut orientada para aproximar o aluno da vida e da natureza. Ali aprendíamos a falar o hebraico, o idioma adotado pelo movimento sionista que previa o retorno à Terra de Israel. Mas, na Rússia, desde a Revolução Bolchevique, o hebraico era proibido.^B



Sala de aula de ciências naturais na escola Tarbut, Pińsk, 1936. Fotografia não identificada. Fonte: *The Yivo Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*. Disponível em: <<http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Tarbut>>. Acesso em: 21 jul. 2018.



Cartaz da rede Tarbut onde se lê em polonês e hebraico: “Apoie a Tarbut e suas instituições. A escola hebraica é a forja da alma da nação! Tarbut constrói a escola hebraica nacional!”. Fonte: *The Yivo Encyclopedia of Jews in Eastern Europe*. Disponível em: <www.yivoencyclopedia.org>. Acesso em: 21 jul. 2018.

A-Escolas Tarbut: Tarbut em hebraico significa cultura. Tratava-se de uma rede de instituições educacionais de caráter secular (não religioso) cuja língua de instrução era o hebraico, idioma fundamental para o movimento sionista, já que o retorno à terra de Israel passava pela retomada da língua hebraica há séculos adormecida. O ensino ia desde a pré-escola até o ensino secundário, atendendo também os adultos que podiam frequentar cursos noturnos, seminários para professores, além de uma escola agrícola. A rede contava também com um sistema de bibliotecas e publicava jornais pedagógicos e livros didáticos. A ideia de uma educação secular em hebraico originou-se na Rússia, no final do século XIX, por iniciativa de membros do movimento *Hibat Tsiyon* (Amantes de Sião). Mantendo os princípios tradicionais da educação das crianças judias em prática desde a Idade Média (*heder*), incorporava as mudanças pedagógicas de essência europeia e disseminava os princípios do Iluminismo judaico no contexto de um projeto que tinha como objetivo a independência política do povo judeu. A pedagogia da escola Tarbut oferecia uma educação baseada em livros e na vida orientada para a valorização da natureza, assim como das práticas da agricultura e dos esportes.

B-Ensino do hebraico: Após a vitória da Revolução Bolchevique na Rússia (1917), o governo comunista decidiu em 1919 que a língua dos judeus fosse somente o iídiche, proibindo a partir daí a educação em língua hebraica. Deu-se assim o fechamento das escolas Tarbut na União Soviética. Na Polónia, porém, desde a independência do país em 1918, as escolas Tarbut mantiveram-se ativas e, no momento imediatamente anterior à Segunda Guerra Mundial, atendiam a 45 mil alunos em 270 instituições localizadas principalmente ao leste do país, nos territórios que anteriormente pertenciam à União Soviética. Era o caso de Pińsk.

Época de mudanças: a guerra e os nazistas

Na escola Tarbut de Pińsk, percebi que o mundo havia mudado com a chegada da guerra. Pouco tempo depois de os soviéticos ocuparem a Polônia, a nossa professora de polonês começou a aula falando em iídiche. Eu não sabia que ela falava iídiche, nem que era judia. Ela entrou na sala e falou:

– *Guten morgen, Kinder* [Bom dia, crianças].

Todos caíram na risada, porque era muito estranho entrar numa escola como a nossa e falar em iídiche. Mas logo nos adaptamos. Dentro da sala de aula, foram colocados os retratos de Stalin, Lenin, Marx e Engels, e tornou-se comum ouvir frases como “Nosso grande líder”. Havia também reuniões para explicar quem eram essas autoridades e como ir contra os *bourgeois* e os exploradores do povo, entre outras coisas. Explicavam a guerra e mostravam os limites do território da União Soviética, e tínhamos que decorar todos os estados, como a Bielorrússia, que era a nossa região. Fomos obrigados a aprender bielorusso e não falar sequer uma palavra em hebraico. Mas ainda não falavam contra a Alemanha. Ou seja, de repente passamos do sionismo para o stalinismo, falando apenas em russo ou iídiche (não mais em hebraico e polonês, como estávamos acostumados). Era proibido falar mal da União Soviética com pena de ser preso. As crianças eram obrigadas a usar lenços vermelhos, e, durante as férias, íamos para um acampamento.

Em 1940, o irmão de meu pai, Srulik, foi mandado para fora da cidade como castigo por causa de seus negócios na cidade de Pińsk. Mudou-se toda a família para uma região mais próspera da Polônia, Krzemieniec, a cerca de 270 quilômetros ao sul da cidade de Pińsk e hoje localizada em território ucraniano.

Durante as férias, enquanto eu estava no acampamento, meu tio Srulik escreveu para meus pais sugerindo para me mandassem para Krzemieniec. Achavam que eu deveria passar um tempo por lá com meus primos Sônia e Isaac. Na volta do acampamento, minha mãe, então, me mandou para aquela cidade acompanhada de uma amiga, Lea Dolinko e sua filha pequena, ex-vizinhas de meu tio Srulik em Pińsk. Elas também tinham parentes em

Krzemieniec. Na estação de trem, minha mãe me disse: “Se eclodir uma guerra, não volte para Pińsk, fique com seu tio”.



Invasão da Alemanha à União Soviética. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_nm.php?ModuleId=0&MediaId=1365>. Acesso em: 22 jul. 2018.

Já em Krzemieniec com a família de meu tio Srulik, na madrugada de 22 de junho de 1941, escutamos altofalantes avisando para que ligássemos o rádio às seis horas da manhã, quando haveria pronunciamento do ministro de Relações Exteriores Vyacheslav Molotov, o mesmo que havia assinado o Pacto de Não Agressão em nome da União Soviética. Eles anunciaram que o Pacto de Não Agressão havia sido quebrado e a Alemanha tinha invadido a União Soviética.^A

A família de meu tio decidiu que eu deveria voltar para Pińsk. Com Lea Dolinko e a filha, peguei o trem para voltar. Mas os trilhos estavam sendo bombardeados, e tivemos dificuldades para prosseguir. Descemos do trem e pedimos carona ou andamos a pé. Conseguimos chegar a Stolín, cidade hoje localizada em território bielorrusso. Fica a cerca de 240

A-Pronunciamento de Molotov:

“Cidadãos da União Soviética! O governo soviético e seu chefe, o camarada Stalin, autorizaram-me a fazer a seguinte declaração. Hoje às 4 horas, sem apresentarem qualquer reivindicação à União Soviética, sem uma declaração de guerra, tropas alemãs atacaram nosso país, atacaram nossas fronteiras em vários pontos e bombardearam pelo ar nossas cidades [...]. Esse ataque inaudito sobre nosso país é uma traição sem paralelo na história das nações civilizadas. O ataque ao nosso país foi perpetrado apesar do fato de haver o Pacto de Não Agressão entre a União Soviética e a Alemanha e de o governo soviético seguir todas as estipulações do tratado”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=69uNxX04y44>>. Acesso em: 19 set. 2018.



Pińsk, panorama da cidade antes de 1939.

A seta indica o local onde ocorreram as primeiras execuções em massa de judeus em Pińsk.

Fonte: Stiftung Denkmal für die ermordeten Juden Europas (Fundação Memorial para os Judeus Assassinados da Europa). Disponível em: <www.memorialmuseums.org>. Acesso em: 22 jul. 2018.



Soldado alemão em motocicleta, em uma rua de Pińsk, julho de 1941.

Fotógrafo não identificado. Fonte: Lester Hajenina, Coleção Yad Vashem. Disponível em: <www.yadvashem.org>. Acesso em: 22 jul. 2018.

quilômetros a nordeste de Krzemieniec e cerca de 60 quilômetros a sudeste de Pińsk.

Entre os dias 5 e 7 de agosto, portanto apenas um mês após a chegada dos alemães à cidade de Pińsk, soldados e policiais pertencentes aos *Einsatzgruppen*, em uma ação totalmente planejada, como mostram decretos e documentos emitidos pelas próprias autoridades alemães encarregadas da região, assassinaram aproximadamente oito mil judeus

da cidade, entre eles David Alper e mais 20 membros do *Judenrat*.^A



Perseguição a judeus por soldados alemães (*Aktion*).
Pińsk, década de 1940.

Fotógrafo não identificado. Fonte: Lester Hajenina, Coleção Yad Vashem. Disponível em: <www.yadvashem.org>. Acesso em: 21 jul. 2018.



Alunos da escola de Pińsk acompanham o funeral de um amigo morto pelos soviéticos. A coroa de flores é levada pelos irmãos Kazimierz e Jerzy Dubiczynski. Pińsk, 1941. Fotógrafo não identificado. Disponível em: Acesso em:

A-Sobre a chegada dos alemães a Pińsk:

Nos primeiros dias de julho de 1941, enquanto Halina estava em Stolin, membros das forças invasoras da Alemanha nazista chegavam a Pińsk. Eles ocuparam a maioria dos prédios públicos, inclusive escolas, e os transformaram em quartéis e barracões para oficiais e soldados. A perseguição aos judeus também começou imediatamente. Já no dia 5 de julho, 16 judeus foram capturados e executados na floresta de Leszcze, próxima à cidade. No dia 30 de julho de 1941, foi dada a ordem para o estabelecimento de um *Judenrat* (conselho judaico) que faria a intermediação entre a comunidade judaica e as autoridades alemãs. O diretor da escola Tarbut de Pińsk, David Alper, foi nomeado chefe do *Judenrat*, mas, dois dias depois, renunciou ao perceber que seu papel não seria negociar com os alemães, mas apenas obedecer às ordens deles.

Em Stolin recebemos ajuda da comunidade judaica local. Era julho de 1941. Muitas pessoas estavam fugindo das tropas alemãs no sentido da União Soviética, mas nós estávamos indo no sentido contrário! Um dia no caminho para a *Kehilá**

[congregação], encontrei uma amiga que havia estudado comigo no Tarbut e sido minha vizinha em Pińsk. Perguntei-lhe sobre meus pais, e ela disse que haviam sido levados na última caravana para a Sibéria. Sabíamos que essa caravana havia sido bombardeada e ninguém estava vivo. Fiquei muito mal quando soube disso e mal conseguia falar...!

Alguns dias depois, chegou um camponês portando uma carta escrita em iídiche. Estava morando em Stolin com Lea Dolinko e sua filha, abrigadas por uma família local. A carta era do meu tio Abraham Neiman, irmão de minha mãe, que morava em Davyd-Haradok, uma cidade perto de Stolin. Ele descobriu que eu estava lá graças à *Kehilá*, que mantinha informações e contactava parentes. Esse meu tio era um atacadista de grãos e deu dinheiro para que eu fosse levada até sua casa.^A

Em Davyd-Haradok, vimos os alemães entrarem na cidade e três dias depois ordenaram que todos os homens se apresentassem na praça. Isso foi em julho de 1941. Fiquei com a minha tia, esposa de meu tio Abraham, e sua mãe, chamada Marsha Pittner. Escondemo-nos em uma parede falsa na loja de aviamentos de Marsha. Estavam também minhas duas primas pequenas, filhas do tio Abraham, e o filho de Marsha, que haviam escondido para que não fosse à praça. No dia seguinte, mandaram as mulheres e crianças saírem da cidade. Nós já sabíamos que os homens haviam sido mortos porque ouvimos os tiros. O filho de Marsha se vestiu de mulher, assim como o rabino, que também não havia se apresentado. Seguimos pela estrada que levava a Stolin, mas, em um determinado ponto, os soldados mataram os dois, pois perceberam que eram homens vestidos de mulher.^B

A-Davyd-Haradok: É uma cidade pertencente ao distrito de Stolin, na Polônia – hoje Bielorússia – próxima à fronteira com a União Soviética. Desde 1523, residia ali uma ativa comunidade judaica. Na década de 1930, a localidade abrigava aproximadamente 4.500 judeus dedicados a várias atividades. O tio de Halina, por exemplo, era um atacadista de grãos. A família de sua esposa Dvora tinha uma grande loja de tecidos e aviamentos.

B-A perseguição aos judeus: É importante lembrar que, nesse ponto da história, estamos no início da década de 1940, portanto as comunicações eram lentas e feitas principalmente por carta ou mensageiros. Os telefones eram raros. Portanto, deve-se destacar o papel das congregações judaicas que organizaram a busca por familiares e estabeleceram o contato entre essas pessoas, principalmente crianças, que, como Halina, muitas vezes ficavam perdidas em meio à perseguição e ao conflito. Entre os dias 5 e 7 de agosto, apenas um mês após a chegada dos alemães à cidade, soldados e policiais pertencentes aos *Einsatzgruppen*, em uma ação totalmente planejada, como mostram decretos e documentos emitidos pelas próprias autoridades alemãs encarregadas da região, assassinaram aproximadamente oito mil judeus da cidade, entre eles David Alper e mais 20 membros do *Judenrat*.

Nós continuamos caminhando, por quilômetros, sem sermos acompanhados por soldados nazistas, às vezes pedindo carona e batendo à porta dos moradores locais para trocar serviços por comida. Cerca de uma semana depois, chegamos de volta a Stolin. Era agosto de 1941. Batemos à porta da família que havia nos abrigado anteriormente. Pedimos ajuda, e eles nos abrigaram novamente: eu, minha tia, sua mãe e minhas primas.

Alguns dias depois, chegou um camponês a mando de meu tio Srulik, que estava em Krzemieniec procurando por mim e meus tios. Dessa forma, voltei para Pińsk, onde estava também um tio materno chamado Herschel, na casa de quem fiquei morando com a esposa dele e as duas filhas pequenas. Nessa época já haviam tirado da cidade tantos mil jovens para trabalhar, e meu tio Herschel também havia sido levado. Mas, cinco dias depois que estava com eles, bateram de madrugada à porta. Era meu tio de volta, coberto de lama. Foi uma das cenas mais fortes que já vi. Contou-nos que todos haviam sido fuzilados, e ele apenas tinha sobrevivido porque um vizinho que havia sido morto ficou caído em cima dele. Meu tio não se mexeu e esperou até cair a noite, quando os soldados não estivessem mais por perto, para fugir de volta para Pińsk. Ninguém podia saber que ele estava vivo, apenas a família. Foi um milagre ter sobrevivido e chegado até nós.

A vida no gueto de Pińsk

Algumas semanas depois de meu tio Herschel voltar, antes da formação do gueto, as famílias já começaram a pegar o que podiam, pois havia um bairro bem pobre reservado para morarmos. Já era o início da formação do gueto de Pińsk. Ficamos em casas para quatro ou cinco famílias. Meu tio Srulik, que estava em Krzemieniec, chegou com a família, e eu fiquei com eles. Como tinham melhores condições financeiras, ficamos em melhor situação, com dois quartos apenas para nós. A cozinha era comum. Por perto havia também outros quartos, provavelmente de pessoas com melhores condições financeiras, como nós. Não havia escola, mas eu e minha prima Sônia, filha do tio Srulik, tivemos aulas particulares algumas vezes por semana, pagas pelo meu tio. Tentamos acomodar as pobres mulheres e crianças. Compartilhamos com eles nossas casas, escolas, sinagogas, todo lugar público. Todos os celeiros estavam repletos. O maior problema era a comida. Todos tentavam preparar o

máximo de comida que podiam para os dias horríveis que esperavam por nós. Não havia tempo para pensar nisso. Dividimos com elas tudo o que tínhamos.

Em poucos meses, também os judeus de Stolin entrariam na rota de destruição da Alemanha nazista. Em maio de 1942, foi criado na cidade um gueto, onde passaram a morar sete mil judeus cercados por arame farpado por todos os lados. Em 10 de setembro do mesmo ano, todos os membros do *Judenrat* de Stolin foram capturados e executados. Ao pôr do sol do mesmo dia, o gueto foi cercado, e aqueles que fossem vistos tentando fugir eram mortos imediatamente. Ao amanhecer, os moradores do gueto começaram a ser levados em grupos de 500 para uma floresta próxima, onde havia uma grande vala em cuja beira foram alinhados em grupos e assassinados a tiros. As execuções continuaram até o fim da noite.^A

Ainda em 1941, Halina recebeu outra carta, dessa vez o remetente era seu tio Sruklik com quem havia ido morar logo depois de deixar a casa dos pais. Ele estava voltando para Pińsk. Ao saber que Halina estava em Stolin, pagou a um mensageiro para ir buscá-la. Porém, enquanto seu tio não chegava a Pińsk, Halina ficaria com a família de outro irmão de sua mãe, Herschel Neiman. Entretanto, ao chegar a Pińsk, Herschel já não estava em casa. Havia sido levado com os demais homens judeus da cidade para ser executado. No entanto, ele conseguiu escapar dos tiros e uma noite voltou para casa.

Em 1º de maio de 1942, os alemães estabeleceram o gueto onde os aproximadamente dez mil judeus da cidade que haviam sobrevivido ao massacre de agosto de 1941 passaram

A-A perseguições aos judeus:

Carta do sobrevivente Michael Nosanchuk a Boris Nosanchuk, escrita em 11 de janeiro de 1946, na qual são relatados os detalhes das perseguições nas cidades de Stolin, Rubele e Davyd-Haradok. Disponível em: <http://kehilalinks.jewishgen.org/stolin/account_nosanchuk_letter.php>. Acesso em: 19 set. 2018. Sobre as execuções, ver: TOKEL, Shammai. The last days of the ghetto in Stolin. Disponível em: <<http://www.jewishgen.org/yizkor/Stolin/sto208.html>>. Acesso em: 21 jul. 2018.



Maquete do gueto de Pińsk.
Em exibição no museu Lochame Hagetaot, Haifa, Israel.
Fonte: The Jewish Community of Pińsk.
Disponível em: <www.pinskjews.org.il>. Acesso em: 22 jul. 2018.

a morar. A essa altura, tio Sruлик e a família estavam novamente em Pińsk, e Halina pôde ir morar com eles no quarto que lhes foi atribuído no gueto. Cada quarto da casa onde ficaram era para uma família; a cozinha era comum. Mesmo naquela precária situação, como não havia escolas, tio Sruлик contratou uma professora para dar aulas a Halina e à prima Sônia. Elas aprendiam hebraico, geografia e outras disciplinas.

Como tinha melhores condições financeiras, meu tio se arranhou no gueto e conseguiu uma padaria, e, por isso, tínhamos mais alimento em casa. Ele tinha contatos, inclusive com alemães, e sabia a data em que o gueto seria invadido. Nessa época, ele conheceu uma enfermeira do hospital, Milya Ratnovski-Cohen, que nos ajudou bastante. Lembro-me de que, em casa, ouvíamos à boca pequena que já estavam cavando valas.

Nosso mundo em um porão

Ficamos no gueto durante cinco meses, e, às vezes, havia o que era chamado de *Aktion*^A, quando levavam pessoas velhas, deficientes e crianças. Eu e minha prima nos escondemos no sótão, e vimos algumas crianças serem levadas. Chegavam pessoas de outras cidades e contavam que havia sido liquidado o gueto em que estavam, como o da cidade de Lachva. Cada dia era uma surpresa para a qual não estávamos preparados.

Em nossa casa, havia reuniões secretas para resistência com rapazes jovens sionistas que chegaram até a fazer bombas explosivas caseiras. Por perto havia um local onde foi construída uma espécie de *bunker*, e até as crianças ajudaram a cavar. Depois da guerra, soubemos que duas famílias se refugiaram lá, mas alguns pereceram mais tarde em outro gueto. No dia a dia, todos saíam para trabalhar, e apenas eu e Sônia ficávamos em casa, e eu era a cozinheira. Recebíamos alguns pacotes do *Judenrat*^{*}, além dos pães que meu tio trazia, e toda nossa comida e nossa água estavam no *bunker*.

Um parente distante, já senhor, chamado Moische Harofeh, comia conosco. Ele era farmacêutico, então tinha sacarina. Isso era de muito valor na época, então eu fazia pacotinhos de sacarina, pois ele me ensinou. Ele vendia ou trocava por coisas para que conseguisse sobreviver. Ajudávamos com comida também as pessoas que chegavam de outros lugares, expulsas, cheias de piolhos.

A alguns quarteirões de onde ficávamos, havia uma bomba de água. Eu era a responsável por ir até lá e sempre ia comigo um dos maiores cantores em ídiche, Yossele Kolodny, que

A-Aktion T4: Nome usado nos julgamentos pós-Segunda Guerra Mundial para o programa de eugenia da Alemanha. O T4 era uma abreviação de *Tiergartenstraße 4*, o endereço de uma casa no bairro Tiergarten, em Berlim, que servia de sede da *Gemeinnützige Stiftung für Heil- und Anstaltspflege*. Esse órgão funcionava sob a direção do Reichleiter Philipp Bouhler, o chefe da chancelaria privada de Hitler e do Dr. Karl Brandt, médico pessoal de Hitler. O programa ocorreu oficialmente de setembro de 1939 a agosto de 1941, mas continuou de modo não oficial até o fim do regime nazista em 1945. Calcula-se que, durante a fase oficial, 70.273 pessoas foram mortas, e, após 1941, aproximadamente 275 mil pessoas foram assassinadas por terem sido declaradas “incuravelmente doentes por meio de exame médico crítico”. Em outubro de 1939, Hitler assinou um “decreto da eutanásia” com a data retroativa a 1º de setembro de 1939, que autorizava Bouhler e Brandt a realizar o programa de eutanásia: “O líder do *Reich*, Philipp Bouhler, e o Dr. Brandt estão encarregados da responsabilidade de ampliar a competência de certos médicos, designados pelo nome, de modo que aos pacientes, com base no julgamento humano [*menschlichem Ermessen*], que forem considerados incuráveis, podem ser concedida a morte de misericórdia [*Gnadentod*] após exigente diagnóstico” (LIFTON, Robert Jay. *The Nazi Doctors: Medical Killing and the Psychology of Genocide*. New York: Basic Books, 1984. p. 64).

me ajudava a trazer os baldes de volta e sempre no caminho ia cantando várias canções.

Um dia meu tio e Milya Ratnovsky chegaram mais cedo em casa e pediram à minha tia que nos vestisse (eu e a Sônia) com roupas para que parecêssemos mais velhas, como se estivéssemos vestidas para ir trabalhar. Isso foi cerca de cinco meses após o início do gueto. Deram-nos endereços e saímos do gueto com permissão dos supervisores (polícia) e com a idade aumentada. Chegamos a uma casa, e duas senhoras já estavam esperando, pois meu tio havia avisado. Eram polonesas e católicas fervorosas. Uma delas chamava-se Zofia Fiodorchenko, que havia sido empregada na casa de Milya Ratnovska, e esta conseguiu convencê-la a nos abrigar até liquidarem o gueto, em troca de dinheiro, joias e outras coisas de valor dadas pelo meu tio. Nós chegamos, sentamos, ela nos serviu chá, meu tio lhe ofereceu um relógio, e, quando olhamos pela janela, vimos caminhões cheios de judeus sendo levados pelos alemães. Ela começou a chorar e rezar, pois percebeu o risco que estava correndo.^A

Precisávamos nos esconder. Tiramos os alimentos que estavam estocados no porão e nos escondemos lá, eu, minha prima Sônia, meus tios, Milya e sua mãe. O local era muito pequeno para todos nós, e, quando dormíamos, se alguém precisava se mexer, todos tinham que acordar para se arrumar também. Ficamos nesse lugar por 630 dias.^B

A senhora Fiodorchenko confessou ao padre que estava nos escondendo. Ela tentava nos converter ao catolicismo. Mas o padre foi bom com a gente e chegou a receber uma medalha dos soviéticos depois da guerra. Ele nos passava notícias sobre o avanço das tropas soviéticas em recortes

A-Segundo Milya Cohen narrou em seu livro de memórias “Zofia Fiodorchenko, uma cristã devota, com cerca de 70 anos, trabalhava em nossa casa há muitos anos. Quando os alemães chegaram, tivemos que interromper todo o contato com ela, porque qualquer contato entre gentios e judeus era estritamente proibido. A mulher foi trabalhar na padaria e, apesar da proibição, nos ajudou em troca de dinheiro ou objetos de valor, de modo a obter o licor de que gostava muito. No dia em que nos mudamos para o gueto, ela prendeu a estrela amarela em suas roupas e nos ajudou a transferir nossos pertences e um pouco de lenha.... Nessas ocasiões, eu aparecia na casa de Fiodorchenko, na rua Marshalka Fosha, e comia até ficar saciada. Chegamos a um acordo que, quando chegasse a hora, nos esconderíamos em sua casa (minha mãe, a falecida Zlate e eu) Quatro dias antes da destruição do gueto... Dividimos o porão na casa de Fiodorchenko em duas partes e nos escondemos (seis pessoas) na parte oculta. Uma amiga de Fiodorchenko, Elshbieta Baranovska, também morava no quarto da velha senhora. Também lhe demos alguns objetos de valor (um relógio e um anel), e as duas cuidaram de nós. Recebíamos rações de fome duas vezes por dia: uma pequena sopa e um pedaço de pão”. Fiodorchenko escreveu no seu relato no jornal *Volksstimme*. Varsóvia, 15 de abril de 1958. “Eu passei um momento muito difícil! Eu cozinhava e assava pão para mim e para as seis pessoas no porão. Eu tinha o trabalho adicional de lavar roupas íntimas para os alemães para provar aos meus vizinhos e conhecidos que eu vivia apenas com os meus ganhos”. Textos publicados em: Keren Blankfeld, *Words in Progress*. Disponível em: <https://kerenblankfeld.com/2013/09/27/knocking-on-pinsk-doors/>. Acesso em : 19 set. 2018.

B-“Seis pessoas saíram de outro esconderijo: Milya Ratnovski-Cohen e sua mãe Zlata Ratnovski; o padre Yisrael Cooper, sua esposa Chayah, sua filha Sonya e a filha de seu irmão Chayah. E estes saíram escondidos separadamente todo esse tempo: Chayah Sherman, David Gleibman-Globo, Gutka Fuhrman Feldman. [...] Seus salvadores eram mulheres ou homens cristãos que arriscaram suas vidas para salvar os judeus. Era muito perigoso para os cristãos esconder judeus, pois essa ofensa era punível com a morte. [...] Tais gentios eram poucos. [...] Além de algumas exceções, como o padre Pravoslaviv, que havia doado sua cruz de ouro na época do imposto de ouro, e os outros gentios que mencionamos abaixo, toda a população gentia esperou passivamente e até mesmo feliz pelo extermínio dos judeus e pela oportunidade de roubar suas posses. Embora os alemães tivessem publicado uma ordem, algum tempo antes de o gueto ser



A partir da esquerda: Halina, a mãe Besie e a prima Sonya (filha do padeiro Yisrael e Chavah, que passaram meses no esconderijo com Halina), s.l., s.d. Acervo: Família Blankfeld/IS; Arqshoah/Leer-USP.

destruído “para não tocar na propriedade do governo sobre a ameaça de morte”, os habitantes cristãos da cidade esperavam que, apesar dessa ordem, eles também pudessem obter sua parte do saque após o saque alemão oficial. [...] As histórias que estão relacionadas aqui, no entanto, nos dizem algo sobre o que aconteceu com os sobreviventes.” Disponível em: <https://www.jewishgen.org/Yizkor/Pinsk1/pine12_129.html>. Acesso em: 22 jul. 2018.

de jornal colocados dentro da Bíblia que nos mandava. A senhora Fiodorchenko cozinhava para nós uma sopa de farinha e recolhia ela própria nossas necessidades, porque não podíamos sair do porão. Com ela morava outra senhora, de sobrenome Baranovska, que também ajudava nos afazeres. Líamos as rezas para as duas senhoras, já que eram analfabetas.

A uma certa época, no inverno de 1943, nossas joias acabaram e precisamos aprender a fazer roupas de tricô, assim trocaríamos por comida e conseguiríamos nos alimentar bem. Então todos nós no porão aprendemos com a mãe da Milya a tricotar, a fazer roupas e meias 1/4 para os camponeses, de forma que recebemos comida muito boa e pudemos, nós no porão e as senhoras que nos ajudaram, receber alimentos, como batatas, manteiga e farinha.

Novos momentos

Soubemos, então, que haviam feito um gueto menor e queríamos nos infiltrar nele. Pensamos que, talvez, os *partisans* pudessem nos levar, mas continuamos no porão. Um dia a senhora Fiodorchenko falou para sairmos do esconderijo, pois sabia que *partisans* estavam por perto. Mandou que pernoitássemos em uma plantação de milho próxima e depois seguíssemos com eles. Mas voltamos, porque não teríamos condições de continuar a viagem na situação em que estávamos, com fome e fracos.

Assim, cerca de um ano e nove meses depois da liquidação do gueto de Pińsk^A, em uma madrugada de 1944, ouvimos as explosões dos soviéticos chegando. Meu tio disse: “Parece que estamos ouvindo música!”. Aquilo significava liberdade! Aos poucos então fomos saindo, ainda com medo, e vendo os russos correndo pelas ruas.



Reencontro: Halina com os pais e o irmão Zvi.
Pińsk, c. 1945.
Acervo: Família Blankfeld/IS; Arqshoah/Leer-USP.

A-A liquidação do gueto de Pińsk: No dia 27 de outubro de 1942, Himmler ordenou diretamente ao comandante da SS e à polícia local Hans-Adolf Prützman que liquidassem o gueto: “Instruo a liquidar e destruir o gueto em Pińsk completamente, embora haja considerações econômicas contra essa decisão. Se a *Aktion* permitir separar [entre a população do gueto] uma força de mil trabalhadores homens e disponibilize-os ao Exército para a construção de abrigos de madeira. Contudo, esses mil trabalhadores devem ser colocados para trabalhar somente em um campo fechado e cuidadosamente guardado. Se tal vigilância não puder ser garantida, eles também devem ser exterminados”. Ordem emitida e assinada por Himmler a Hans-Adolf Prützman. As autoridades alemãs ordenaram que sete grandes valas fossem cavadas no terreno de um aeroporto abandonado a aproximadamente três quilômetros da cidade. Na manhã de 29 de outubro de 1942, às 6h30, foi dada a ordem a todos os judeus do gueto para que se reunissem em um local próximo ao cemitério judaico. Lá mesmo, cerca de 400 pessoas foram separadas para trabalhar posteriormente em várias tarefas. Os demais tiveram que entregar seus pertences e seguir em fileira para um lugar determinado. Cerca de dez mil judeus foram assassinados naquele mesmo dia. Foi das janelas da casa da Sra. Fiodorchenko que Halina e os demais viram todos os judeus do gueto de Pińsk serem levados para a morte. Relatórios de investigação, acusações e vereditos nos julgamentos de membros do Batalhão de Polícia 306, 1963, Arquivo Yad Vashem, YVA, TR-10/790, p. 126. In: FATAL-KNAANI, Tikva. *The Jews of Pinsk, 1939-1943, through the Prism of New Documentation*. Disponível em: <http://www.yadvashem.org/download/about_holocaust/studies/FatalENGPRINT.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

Halina Blankfeld



Halina e o irmão Zvi, que faleceu em 1949, s.l., 1945. Acervo: Família Blankfeld/IS; Arqshoah/Leer-USP.

Apenas depois da guerra, fui saber o que havia acontecido com meus pais desde que eu havia ido para Krzemieniec, para a casa do tio Srulik, em 1941. Meu pai havia sido preso em uma prisão como se fosse espião contra a União Soviética e torturado para confessar. Em meados de 1945, antes mesmo de os soviéticos entrarem, meus pais já começaram a mandar cartas para vários lugares, com o objetivo de me localizar. Assim souberam que estávamos em Pińsk, juntaram-se a nós. Dois meses depois, os soviéticos nos deram uma casa abandonada para morar, com pomar e uma vaca. Aos poucos, a nossa vida foi sendo retomada. Voltei a estudar, aprendemos a cantar músicas comunistas, e o Exército até mandou uma médica para me ajudar a voltar a andar como antes, pois estava com as articulações duras de tanto tempo sem me mexer dentro do porão. Aqueles 630 dias que passamos naquele pequeno porão, contudo, trouxeram consequências, pois eu não conseguia mais me movimentar com naturalidade.

Eu já estava bem adaptada e vivia feliz em Pińsk. Passei a frequentar a escola, mas papai sabia que, para os judeus, viver sob o regime de Stalin não era seguro. Além disso, havia sempre o risco ocorrerem *pogroms**. Então, começamos a procurar por novas alternativas. Desapontados com o regime, meus pais resolveram ir para Berlim, já nos meses após o fim



Halina e Elias durante a cerimônia de casamento em Munique (à esquerda) e Halina na viagem de lua de mel (à direita). Acervo: Família Blankfled/IS; Arqshoah/Leer-USP.

da guerra. Continuei a estudar na Alemanha, e anos depois fomos para Munique, setor norte-americano, onde vivemos o acirramento da Guerra Fria.

Em Munique me casei com Elias, e meus pais emigraram para os Estados Unidos. Em 1952 tivemos nosso primeiro filho, Mordechai [Max], e, pensando no nosso futuro, queríamos ir para Israel.

O Brasil como opção

Meu tio Sruлик estava no Brasil, e, atendendo ao seu convite, resolvemos vir para S. Paulo, onde havia mais perspectivas de negócios. Desembarcamos no porto de Santos em 17 de abril de 1954, com visto emitido pelo consulado-geral do Brasil em Munique. Na minha ficha de estrangeiros, constava como nacionalidade “apátrida”, apesar de eu ser natural de Pińsk. Fomos residir na Avenida Conceição nº 556, depois na Rua Cristiano Viana e, a partir de 5 de fevereiro de 1970, passamos para a Rua Oliveira Pinto nº 73, nos Jardins, em S. Paulo.

Halina Blankfeld

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, MODELO S.C. 139
 FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO **1ª VIA**

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso **Halina Blankfeld**
 Admitido em território nacional em caráter **Temporário**
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 7º letra **a** do dec. n. 7967 de 1945
 Lugar e data de nascimento **Polonia, 1/1/1929**
 Nacionalidade **alemã** Estado civil **casada**
 Filiação (nome do Pai e da Mãe) **Abraham e Basia** Profissão **doméstica**
 Residência no país de origem **Alemanha**

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte **B03678/52** expedido pelas autoridades de **Pref. Policia**
 de **Munich** na data **14 janeiro 1953**
 visado sob n. **1530**

ASSINATURA DO PORTADOR: *Halina Blankfeld*

Consulado Geral do Brasil em **NOV YORK**
 18 de março de 1954
 José Carlos Linhares
 Consul Adjunto

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Halina Blankfeld emitida pelo consulado-geral do Brasil em Nova York, em 18 de março de 1954. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

NOME **21.394**

HALINA BLANKFELD

PAI **Abram Kuper**
 MÃE **Basia Kuper**

NACIONALIDADE **Apátrida** NATURALIDADE-CIDADE **Pins-P lonia**
 ESTADO CIVIL **Casada** DATA DO NASCIMENTO **1-1-1.929**
 GRAU DE INSTRUÇÃO **Sup.** PROFISSÃO **P. Dom.**

SEXO **Fem.** CABELO **Cast.** OLHOS **Azuis**
 ALTURA **1,53** CÔRTEZ **Branca**

SINAIS PARTICULARES

ASSINATURA DO IDENTIFICANDO *Halina Blankfeld*

FEITA POR **srf.** CONFERIDA POR **el** VISTO

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
 DELEGACIA DE ESTRANGEIROS
 R. E. **477.812**
 R. G. **2.025.686**
 FICHA DE ESTRANGEIROS - F. E.

RESIDÊNCIA **Rua Oliveira Pinto, nº73-J. Paulistano-SP**
 EMPRESA EM QUE TRABALHA

ENDEREÇO DA EMPRESA

LOCAL DE DESEMBARQUE DATA CARATER DO DESEMBARQUE

DOCUMENTOS **Obteve cédula de identidade em 14.7.70sr**

Órgão de ORIGEM PROTOCOLO

PROTOCOLO SÉDE

RECEBI A CÉDULA E O PASSAPORTE
 S. Paulo, 2/9/1970
Halina Blankfeld
 R. G.

REC

Ficha de estrangeiros de Halina Blankfeld, nascida Kuper, registrada como “apátrida”. S. Paulo, 2 de setembro de 1970. Acervo: Apesp/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Vozes do Holocausto

Em 6 de janeiro de 1956, conseguimos a permanência definitiva por um despacho do Ministério da Justiça. Assim recomeçamos nossas vidas. Em agosto de 1965, nosso filho Max fez o seu *Bar Mitzvá** em S. Paulo. Hoje tenho cinco netos: Keren, Tali, David, Ilana e Marcel Eli.



Halina, Elias, Max e Uri Blankfeld reunidos em sua residência, na Rua Cristiano Viana. Fotógrafo não identificado. S. Paulo, s.d. Acervo: Família Blankfeld/IS; Arqshoah/Leer-USP.



Halina e Elias no *Bar Mitzvá** de Max. Fotógrafo não identificado. S. Paulo, Agosto de 1965. Acervo: Família Blankfeld/IS; Arqshoah/Leer-USP.

Uma lição de vida

A lição que tiro de tudo isso é que devemos viver bem, pensar positivo mesmo que os inimigos nos afrontem. No mundo podemos encontrar tanto crueldade quanto pessoas que nos queiram ajudar, sem importar a religião ou o pensamento diferente. Quanto ao Holocausto, sinto pela morte da minha família e tantas outras, milhões de judeus. Nunca vou entender tudo o que aconteceu. E espero que nossas próximas gerações possam viver bem.



Halina, aos 80 anos, com os filhos Max e Uri, as noras Vivian e Deisi e os netos Keren, Tali, David, Ilana e Marcel Eli. Aos 87 anos, Halina fez a sua “aliá” mudando-se definitivamente para Israel. Faleceu em 26 de novembro de 2017. Hod Hasharon, Israel, 2010. Fotografia não identificada. Acervo: Família Blankfeld/IS; Arqshoah/Leer-USP.